



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES**

FRANCISCA BARBOSA DE ALMEIDA CAVALCANTE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM INSTRUMENTO DE
INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA**

PRINCESA ISABEL - PB

2014

FRANCISCA BARBOSA DE ALMEIDA CAVALCANTE

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM INSTRUMENTO DE
INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – PB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista. Com concentração na Linha de Pesquisa. Linha de Pesquisa – **Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.**

Orientador: Prof. Me. José Emerson Tavares de Macedo

PRINCESA ISABEL - PB
2014

O48d Cavalcante, Francisca Barbosa de Almeida

Avaliação da aprendizagem [manuscrito] : um instrumento de investigação didática / Francisca Barbosa de Almeida Cavalcante. - 2014.

52 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof^o. José Emerson Tavares de Macêdo, Departamento de História".

1. Avaliação Escolar. 2. Processo Avaliativo. 3. Sistema de Avaliação. I. Título.

21. ed. CDD 371.26

FRANCISCA BARBOSA DE ALMEIDA CAVALCANTE

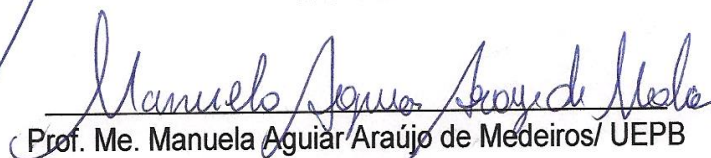
**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM INSTRUMENTO DE
INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – PB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista. Com concentração na Linha de Pesquisa. Linha de Pesquisa – **Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.**


Aprovada em: 06/12/2014



Prof. Me. José Emerson Tavares Macêdo/ UEPB
Orientador



Prof. Me. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros/ UEPB
Examinadora



Prof. Me. Carlos Pereira de Almeida / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, inteligência, sabedoria e por todas as vitórias já conquistadas.

Aos meus familiares, especialmente esposo, filhos e netos pelo apoio, compreensão e incentivo dispensados durante a realização do curso.

A coordenação e equipe da UEPB pelo trabalho realizado no nosso polo, apoio e colaboração prestadas a todos que participaram dessa especialização.

Aos professores que, com sua dedicação, compromisso, competência e responsabilidade, contribuíram de forma positiva ao alcance dos nossos objetivos.

Ao meu orientador Prof. José Emerson Tavares de Macêdo, pela seriedade, competência, incentivo nos momentos difíceis e apoio profissional durante todo curso, principalmente na construção da monografia.

O colega Leôncio Pereira de Souza pela importante ajuda dada a mim na parte da formatação dos textos.

Aos demais colegas da Secretaria Municipal de Educação pela compreensão nos momentos de angústia quando da pesquisa de material e construção do projeto.

Enfim, aos meus colegas do Curso de Especialização, pelos momentos de compreensão, participação, solidariedade, alegria e vitória conquistada.

(...) Quando avaliamos uma pessoa, nos envolvemos por inteiro – o que sabemos, o que sentimos, o que conhecemos desta pessoa, a relação que nós temos com ela. Avaliar é muito mais que conhecer o aluno, é reconhecê-lo como uma pessoa digna de respeito e de interesse. O professor se torna um aprendiz do processo, pois se aprofunda nas estratégias de pensamento do aluno. Só assim é que o professor pode intervir, ajudar e orientar esse aluno (...). Jussara Hoffman

RESUMO

Esse estudo propõe uma análise a cerca da prática avaliativa desenvolvida junto aos professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Médio da Escola Nossa Senhora do Bom Conselho, localizada no município de Princesa Isabel - Paraíba. Pretendemos realizar um estudo sobre a avaliação da aprendizagem, verificando se a prática avaliativa utilizada contribui para um bom desempenho do aluno no seu processo de aprendizagem, identificando a partir da opinião/depoimento dos professores e alunos do 1º ano do Ensino Médio, nos turnos manhã e tarde, sua percepção em relação ao processo de avaliação. Esse trabalho trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem quanti-qualitativa na escola supracitada. Nesse sentido, entendemos que realizar um estudo sobre avaliação é preciso buscar novos conhecimentos, despertar novas consciências sobre este processo e intervir de maneira eficiente para se conseguir uma aprendizagem satisfatória, bem como a adesão dos profissionais de educação para a mudança de comportamento frente à questão do avaliar.

Palavras chaves: Alunos/ Professores. Aprendizagem. Avaliação.

ABSTRACT

This study proposes an analysis about the evaluation method, developed with teachers and students of the early years of High School Education Our Lady of Good Counsel, located in the municipality of Princess Isabel - Paraiba. We intend to conduct a study on the assessment of learning, making sure that the evaluation method used makes for a good performance of the student in the learning process, identifying from the opinion / testimony of teachers and students of the 1st year of high school in the morning shift and later, their perception of the evaluation process. This work it is a descriptive exploratory study with quantitative and qualitative approach in the aforementioned school. In this sense, we believe that conducting a study on evaluation is necessary to seek new knowledge, awakening new consciousness about this process and intervene effectively to achieve satisfactory learning, and for membership of professional education for the change in the behavior of matter the review.

Keywords: Students / Teachers. Learning. Evaluation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Distribuição da frequência da amostra do estudo quanto à escolaridade dos professor.....	37
Gráfico 02	Distribuição da amostra do estudo com relação à concepção de avaliação de cada professor.....	38
Gráfico 03	Distribuição da amostra do estudo com ênfase na realização da avaliação em sala de aula.....	38
Gráfico 04	Distribuição da frequência da amostra de estudo em relação aos instrumentos de avaliação utilizados.....	39
Gráfico 05	Distribuição da frequência da amostra do estudo em relação ao processo qualitativo prevalecer sobre o quantitativo	40
Gráfico 06	Distribuição da amostra com relação ao tipo de avaliação mais utilizada pelos professores em sala de aula na visão dos alunos.....	43
Gráfico 07	Distribuição da amostra com relação ao significado do ato de avaliar na perspectiva do aluno	44
Gráfico 08	Distribuição da amostra de estudo com relação ao favorecimento da avaliação para a aprendizagem do aluno	45

LISTA DE QUADRO E TABELA

QUADRO I	DEMONSTRATIVO DE APROVEITAMENTO – 2013.....	35
	Distribuição da amostra quanto a faixa etária dos alunos	41
TABELA 01		
TABELA 02	Distribuição da amostra quanto à disciplina em que ele tem maior dificuldade com relação ao tipo de avaliação do professor.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I – CONSIDERAÇÕES A CERCA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR	16
1.1 Avaliação como instrumento mediador de aprendizagem.....	19
1.2 O processo avaliativo através das diversas modalidades e funções da avaliação.....	22
1.3 O papel do professor como mediador da aprendizagem.....	25
1.4 Estratégias de avaliação.....	30
CAPITULO II – O SISTEMA DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO - PB	33
2.1 Análise do questionário aplicado com professor.....	37
2.2 Análise do questionário aplicado com os alunos.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICE	51

INTRODUÇÃO

A avaliação no âmbito educacional tem sido nos últimos tempos, motivo de varias discussões e pesquisa, com a preocupação de analisar o seu real significado e/ou estabelecer novos olhares na tentativa, na maioria das vezes, de minimizar o fracasso escolar. Como parte integrante e de fundamental importância, a avaliação escolar deve ser encarada como o caminho que viabilize da melhor maneira possível o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

A ideia de realizar a pesquisa na E.E.E.B. Nossa Senhora do Bom Conselho, localizada no município de princesa Isabel – Paraíba surgiu de uma observação durante o ano letivo de 2013 e da nossa preocupação com o índice de reprovação e evasão que a escola vem demonstrando. O índice de reprovação esta percebida através do levantamento realizado ao final de cada ano letivo, onde esses índices pouco são questionados, pois a prática avaliativa ainda se consagra como exame.

Sendo assim, ao perceber que a linha de pesquisa do Curso de Especialização contempla acerca do cotidiano escolar e práticas pedagógicas, o como e por que avaliar, e já pensando em alguns teóricos que muito se preocupam com a questão da avaliação escolar, resolvemos realizar um estudo sobre a avaliação da aprendizagem, verificando se a prática avaliativa utilizada na Escola Nossa Senhora do Bom Conselho, contribui para um bom desempenho do aluno no seu processo de aprendizagem, identificando a partir da opinião/depoimento dos professores e alunos, sua percepção em relação ao processo de avaliação.

Diante disso, a pesquisa propõe uma análise a cerca da prática avaliativa desenvolvida junto aos professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Médio, promovendo assim, uma reflexão e um pensar crítico do processo avaliativo na escola.

Após ter pensado o tema para execução do nosso projeto de pesquisa, passamos a identificar quais as fontes de pesquisa poderíamos contar para o desenvolvimento do trabalho, e então selecionamos livros de autores renomados tais como: Jussara Hoffman, Philippe Perrenoud, Celso Vasconcelos, Cipriano Luckesi, Pedro Demo, Paulo Freire, artigos científicos, revistas e sites na internet, facilitando assim a pesquisa e a escrita do projeto acima mencionado.

Neste contexto falar de avaliação da aprendizagem é pensá-la coletivamente na escola e entendê-la como mudança no fazer pedagógico e conseqüentemente na avaliação, buscando-a como processo dinâmico e diagnóstico. Não podemos e nem devemos avaliar para mensurar e sim para transformar não só o processo de ensino e aprendizagem, mas especialmente o conhecimento do aluno.

Para Hoffman “avaliar é processo” e sendo assim não deve acontecer periodicamente, em tempo determinado, em dia definido, pois como processo dialético deve ser contínuo e buscar junto aos envolvidos uma discussão permanente, voltada para um repensar crítico e dessa maneira apropriar-se conscientemente dos caminhos que levem a uma prática avaliativa coerente e justa do processo de aprendizagem. Para que tudo isso aconteça, além da coletividade, é necessário mudança na concepção de avaliar, pois como mensuração não se consegue realizá-la processualmente.

Por outro lado, dada a importância da avaliação no cotidiano escolar, o controle de rendimento precisa ser orientado e discutido na escola a partir dos seus objetivos. Sabemos que a avaliação não pode ser reduzida a testes, o que acontece ainda em muitas escolas, mas entendemos também que a sua utilização não nos dão uma informação absolutamente fiel do rendimento dos alunos, porém nos permite de certa maneira evidenciar as falhas existentes no processo de aquisição de conhecimentos e habilidades, possibilitando o estudo de caminhos para efetivar reflexão que leve a construção do conhecimento.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a concepção de avaliação vai além da visão tradicional que focaliza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos, e deverá ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo de aprendizagem. Ainda afirma os PCN's que a avaliação é também entendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica.

Partindo da atual conjuntura social pelo avanço da tecnologia como instrumento de construção de conhecimento e pela constante mudança como uma rede dinâmica de transformação, é imprescindível se discutir as necessidades urgentes de mudança no interior da instituição escolar, atentando principalmente para os objetivos definidos no seu Projeto Político Pedagógico relacionados à avaliação da aprendizagem. Por exemplo, o que, como e por que avaliar.

A Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) surge no cenário da educação definindo claramente a avaliação da aprendizagem como um processo contínuo e cumulativo, sem a intenção de marcar data específica, no entanto o próprio sistema de ensino ainda limita em bimestres, simbolizando assim, infelizmente a cultura do exame.

Segundo Luckesi (2002) podemos ter clareza sobre o que é o ato de avaliar e o ato de examinar a aprendizagem na escola, pois é preciso que reconheçamos os contornos e limites da cultura da avaliação, pois de um lado traz para dentro de nossa compreensão e de nossa prática o fim do investimento da reprovação escolar, e de outro um alto investimento na busca da qualidade de educação para nossos alunos.

Com esse trabalho entendemos que a partir daí aprendamos com as práticas de mudança, superando as contradições e explorando possibilidades, no sentido de construir caminhos para se chegar a uma prática transformadora e, principalmente, uma mudança na concepção de avaliação, onde em consequência desse entendimento os professores utilizem os diversos instrumentos avaliativos atentando para a inclusão e não para a exclusão do aluno do processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação vista como acompanhamento da aprendizagem é contínua, é um procedimento que vai identificando os sucessos e insucessos dos alunos em seu desenvolvimento. Dessa forma tem caráter investigativo e processual, ao invés de estar a serviço da nota, a avaliação passa a contribuir com a função básica da escola, que é promover o acesso ao conhecimento e para o professor transforma-se num recurso precioso de diagnóstico.

Nesse entendimento, transforma-se a avaliação em um instrumento referencial e de apoio às definições de natureza pedagógica, administrativa e estrutural, que se define por meio de relações partilhadas e cooperativas. É necessário pensar que se avaliação permanecer presa a uma pedagogia ultrapassada e classificatória, a evasão permanecerá e o educando continuará fruto de uma educação mascarada e opressora e nunca libertadora.

O nosso trabalho trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem quanti-qualitativa na escola supracitada, onde a realizamos a pesquisa

com professores e alunos do 1º ano do Ensino Médio, nos turnos manhã e tarde.

Nesta perspectiva entendemos que a lógica da avaliação não é independente da lógica da escola. Ao contrário, ela é produto da escola, que entre outras coisas, separou-se da vida e da prática social. No entanto com a metodologia adequada e o processo contínuo de aprendizagem e retroalimentação dessa aprendizagem é possível conseguir resultados satisfatórios no processo de ensinar e de aprender, pois aprender para mostrar conhecimento ao professor tomou lugar do aprender para intervir na realidade.

Diante das considerações apresentadas subdividimos o nosso trabalho em dois capítulos que apresentamos a seguir:

No primeiro capítulo, discutimos de forma teórica, apresentando um diálogo com diversos autores que apresentam questionamentos, preocupações com a tão discutida avaliação da aprendizagem, além de apontar informações e sugestões de como utilizar a avaliação partindo do diagnóstico como instrumento de retroalimentação do processo de ensino e aprendizagem.

Neste mesmo capítulo, discutiremos também sobre o percurso da avaliação enquanto instrumento mediador de aprendizagem, mesmo entendendo que ainda em muitas escolas a prática avaliativa é mensuradora e classificatória, porém percebemos que existe uma preocupação da escola em trilhar caminhos de sucesso através da prática coletiva de intenções de melhorar tanto o desempenho intelectual do aluno como também o da escola. E finalizamos o mesmo discutindo a cerca das estratégias de ensino e avaliação.

Já no segundo capítulo trata-se do nosso universo de pesquisa a Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho, a partir das respostas dos professores e alunos, sobre avaliação, em questionários específicos para cada grupo, podemos fazer uma análise por amostragem, envolvendo os nossos sujeitos em questão, os alunos e professores, puderam expressar todas as suas inquietações e considerações a respeito do processo avaliativo desenvolvido no ambiente escolar.

Sendo assim, a realização desse estudo sobre avaliação, torna-se relevante no sentido de se perceber a viabilidade da discussão de aspectos importantes da prática pedagógica desenvolvida no interior da instituição escolar e que venha assim contribuir para uma melhoria no desenvolvimento integral do educando. Ficou

evidente nessa pesquisa que a avaliação faz parte de um processo de reflexão do fazer pedagógico, e por isso além de mudar a postura, devemos mudar também a concepção de avaliação objetivando de fato entender que o foco principal do ensino e da escola é o desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES A CERCA DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Ao iniciarmos a discussão sobre o tema escolhido intuímos fazer uma retrospectiva histórica da avaliação da aprendizagem. Inicialmente a avaliação é apresentada como medida com um único propósito de selecionar e classificar sujeitos, até uma visão mais crítica, na qual é encarada como processo educativo mais amplo. A partir do estudo que realizamos a primeira manifestação histórica da avaliação configura-se como instrumento de seleção extracurricular bastante seletiva, e já era verificada a existência do exame nas escolas gregas e romanas.

Mais adiante nos Estados Unidos a avaliação adquire uma natureza formal, como prática de coleta de dados para fundamentação de decisões políticas que afetam a educação. É importante perceber nesses estudos a importância de formulação de objetivos para fins avaliativos, tendo em vista que permitem ao professor determinar o que vai ser avaliado em termos de comportamento, conhecimentos, capacidades, interesses e habilidades.

Bloom (1972) assume uma visão mais abrangente da avaliação, defendendo a aprendizagem pelo domínio. Para este autor, teoricamente todo indivíduo é capaz de aprender, desde que seja respeitado o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Nesse sentido, os professores não desenvolverão competência se não se perceberem como organizadores de situações didáticas e de atividades que têm sentido para os alunos, envolvendo-os, e, ao mesmo tempo, gerando aprendizagens fundamentais e apropriadas.

Sabemos que durante muito tempo a avaliação foi comparada a avaliação da aprendizagem, onde as palavras avaliação, mediação e testes eram, na maioria das vezes, considerados como sinônimos. Até a metade da década de 60, grande parte dos livros que apresentavam títulos como Avaliação Educacional, discutia principalmente a avaliação das aprendizagens.

No entanto a avaliação foi ampliando sua ação e novas percepções foram desenvolvidas, de forma que fosse evidenciada a distinção entre o que é avaliação e o que é medição, estendendo o âmbito da avaliação para além da avaliação da aprendizagem. Neste contexto, entendemos que a avaliação realizada para promover compreende a finalidade dessa prática a serviço da aprendizagem, da

melhoria da ação pedagógica, visando tão somente à promoção intelectual dos alunos. É importante entender e enfatizar o caráter processual de avaliação, onde os resultados nos propõe uma tomada de decisões frente ao desempenho do aluno, a partir de uma reestruturação dos conteúdos e procedimentos metodológicas para identificar uma informação precisa sobre a aprendizagem do educando.

A tentativa de romper com a avaliação numa perspectiva quantitativa e progredir em direção às propostas de avaliação numa perspectiva qualitativa começaram a ser vislumbrada a partir de 1980. Ainda nessa década se começa também a perceber a preocupação em discutir e aprofundar a abordagem qualitativa para a avaliação, porém é com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que se chama a atenção para a avaliação contínua, cumulativa do desempenho do aluno, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Sendo assim podemos observar que a avaliação evolui de uma perspectiva positivista para uma perspectiva mais abrangente de natureza evidentemente dialógica e dialética, voltada para a transformação pessoal e social.

Luckesi (2001) nos ajudou a compreender a avaliação nessa perspectiva mais crítica mostrando que a avaliação, ao conquistar um amplo espaço nos processos de ensino e aprendizagem, condicionou a prática pedagógica ao que ele chama de pedagogia do exame e insiste na necessidade de qualificar a avaliação não como um fim, mas especificamente como um meio para se alcançar o que se deseja. A avaliação, assim entendida, ajuda a propor situações que permitam aos alunos a melhorarem seus processos de aprendizagem, e aos professores o ajuste dos conteúdos a serem ensinados, bem como utilizar a reformulação coletada através da avaliação para introduzir mudanças na sua prática avaliativa.

Embora teoricamente haja um grande avanço no sentido desenvolver práticas avaliativas numa perspectiva formadora, como também iniciativas em termos de lei e diretrizes, realizar a avaliação nessa perspectiva requer que esta ocorra de forma sistemática, durante todo processo de ensino e aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas do trabalho, como acontece habitualmente nas escolas. O uso da avaliação no sentido de formar cidadãos capazes de intervir criticamente na realidade para transformá-la, só poderá acontecer se o caráter de terminalidade e de mediação de conteúdos aprendidos forem superados, a fim de que os resultados da

avaliação possam ser utilizados como indicadores para a remoção da prática avaliativa.

Para o professor desenvolver uma prática avaliativa desta natureza, certamente, irá encontrar grandes dificuldades, seja devido à prática pedagógica tradicional predominante nas escolas, seja devido às próprias dificuldades pessoais de personalidade do professor que foi formado dentro de um modelo autoritário, ou ainda persiste na escola, este modelo, dificultando também a prática daqueles que têm uma consciência da avaliação enquanto diagnóstico de dificuldades.

Entretanto é possível buscar, experimentar e construir uma prática avaliativa que promova uma real integração entre ensinar e aprender. Por conseguinte faz-se necessário uma ação reflexiva e desafiadora do professor em termos de favorecer a troca de ideias entre os alunos, dando-lhes oportunidade de expressar seus pensamentos e retornar dificuldades referentes aos conteúdos trabalhados a fim de contribuir para uma maior compreensão e aprofundamento do objeto do conhecimento.

Nesse contexto, entendemos que a aprendizagem significa descobrir a razão das coisas e pressupõe a organização das experiências vividas pelos sujeitos, de forma a existir uma modificação de comportamento, onde o sujeito que ensina produz no sujeito que aprende uma ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir, a formular hipóteses, encaminhando-o ao saber enriquecido e sistematizado.

Considerando que a avaliação é parte integrante do processo, e não apenas uma de suas etapas, é que escolhemos esse tema com o intuito de aprofundar nossos conhecimentos e trabalhar de forma coerente a prática pedagógica dos professores que discutirão a problemática da avaliação em sala de aula. Nos pautamos na visão de Caldeira (2004, p.316) quando afirma que:

A importância de não procurar apenas uma adaptação dos antigos modelos de avaliação da aprendizagem, mas também evidenciar novas práticas avaliativas no contexto atual de sala de aula. Esse novo contexto pressupõe outro paradigma educacional, desafio para os professores e profissionais da educação, assim como para os próprios alunos envolvidos nos processos.

Partindo do pressuposto de que a avaliação, seja ela processual ou periódica, é condição indispensável no processo de ensino e aprendizagem, lançamos um olhar mais próximo à escola onde trabalhamos, tendo em vista que realizando o levantamento anual de aprovação, reprovação e evasão. Detectamos a necessidade de realizar um trabalho sistemático junto aos professores, objetivando melhorar o índice de aprovação e conseqüentemente a aprendizagem na escola supracitada.

Nesse contexto, convém lembrar que o modelo de avaliação da aprendizagem esteve, durante décadas, fortemente relacionado com o desenvolvimento das teorias tecnicistas e comportamentalistas que ganharam importância principalmente na década de 1960. Contrapondo as teorias tecnicistas, atualmente os profissionais da educação estão tomando consciência de que sem avaliação processual a qualidade do ensino estará comprometida.

Por isso a atual conjuntura histórica social demanda progressivamente de um aprofundamento das questões relativas à avaliação. Pensando nesse contexto, sabemos que tal importância exige uma conjugação de esforços inovadores na prática pedagógica do professor e, portanto necessário se faz repensar o processo de avaliação, incluindo – o no Projeto Pedagógico da Escola, de onde demanda estudo e reflexão resultantes do trabalho coletivo.

Segundo Souza (1993) a finalidade da avaliação é apresentar sobre o processo pedagógico, informações que permitam aos profissionais escolares a definição coletiva sobre as intervenções pedagógicas e proceder redirecionamento que se fizer necessário em face do projeto educativo.

1.1 Avaliação como instrumento mediador de aprendizagem

Baseando em documentos, optamos em trabalhar coletivamente avaliação da aprendizagem envolvendo professores e alunos da escola, objetivando melhorar não só o índice de aprovação, mas, sobretudo garantir uma aprendizagem significativa para os alunos. Pensando assim transforma-se a avaliação em um instrumento referencial e de apoio às definições de natureza pedagógica, administrativa e estrutural, que se define por meio de relações compartilhadas e cooperativas.

Autores construtivistas e sócios interacionistas realizaram críticas à utilização da avaliação apenas como forma de verificação da aprendizagem do que aos seus resultados observáveis. Destacam-se os trabalhos de Pedro Demo (2004), Jussara Hoffman (2002), Cipriano Luckesi (2002) Phillippe Perrenoud (1999), Miguel Zabala (1998) entre outros.

Por outro lado, não são tantas as condições que determinam práticas de avaliação diferenciadas, mas as concepções de mundo, educação e ensino dos profissionais que integram a escola. Entendemos que ainda é preciso desmistificar, junto ao professor, a avaliação como instrumento que mede conhecimentos e passar a entendê-la como um processo que está em constante evolução e que necessariamente diagnostica a aprendizagem do aluno, definindo assim o momento exato de intervenção para o alcance da aprendizagem significativa.

Medir por medir conhecimentos não é intenção primordial da avaliação, razão pela qual existe motivo maior de aperfeiçoamento da aprendizagem, e esse motivo é, principalmente, atender o aluno como indivíduo que pensa e age diferente em momentos únicos de sua aprendizagem. Baseamo-nos na compreensão de Luckesi (2002) de que uma boa avaliação envolve três passos que são:

- Saber o nível atual de desempenho do aluno, etapa também conhecida como diagnóstico;
- Comparar essa informação com aquilo que é necessário ensinar no processo educativo, que é a qualificação;
- Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados, ou seja, planejar atividades, sequências didáticas ou projetos de ensino, com os respectivos instrumentos avaliativos para cada etapa.

Nessa perspectiva, o conceito de avaliação da aprendizagem, que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno necessita ser redirecionada, pois a competência do aluno resulta, em última instância da competência ou incompetência da escola. Para Sousa (2008), a avaliação escolar:

não pode restringir a um de seus elementos, de forma isolada. Importa, pois enfatizar a relação entre avaliação da aprendizagem e avaliação do ensino, considerando-se o desempenho do aluno de forma relacionada com o desempenho do professor e com as condições contextuais da própria escola. (SOUSA, 2008, p.106 – 118,)

Por essa razão é que analisamos as situações de reprovação dos alunos do 1º ano do Ensino Médio da EEEB Nossa Senhora do Bom Conselho, identificamos a urgência em aprofundar mais os estudos e os conhecimentos acerca da avaliação, para na prática, ajudar os professores e a escola na melhoria desses índices. É indispensável, no entanto, um acordar coletivo para essa prática no sentido de entender e desenvolver a avaliação como processo que ver exatamente a construção do conhecimento tanto coletivo como individual.

Assim, entendemos que é interessante pensar a avaliação não mais periodicamente, mas evidenciar caminhos para verificar, no percurso, a qualidade do aprendizado dos alunos e oferecer alternativas para uma evolução mais segura. Não podemos pensar em avaliação tão somente do aluno e muito menos associá-la a ideia de erros, falhas, limitações e deficiências, comumente apresentadas por uma visão errônea de alguns educadores em compreender a avaliação dissociada da prática.

É necessário para o sucesso da avaliação no processo educacional compreender que tanto o aluno quanto o professor devem ser avaliados de uma maneira global. Segundo Luckesi (2002, p.22), a avaliação da aprendizagem:

é definida como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação por si, é um ato acolhedor, integrativo e inclusivo. Para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base a acolher uma situação para então ajuizar a sua qualidade tendo em vista dar-lhe suporte de mudança se necessário.

Partindo do pressuposto de que a avaliação é um elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, é primordial que os educandos tenham a prática de avaliação como grande aliada para um bom desempenho aos seus trabalhos no ensino da docência, objetivando o sucesso do aluno. Assim sendo a avaliação deve ser considerada como um elemento favorecedor da qualidade do ensinar.

A avaliação não é o centro da tarefa educativa que está na construção do conhecimento, na formação do caráter, da personalidade e da cidadania. A forma como vem sendo feita esta, provocando profundas distorções na prática pedagógica, por mais paradoxal que isto possa ser já que sempre se ouviu dizer que a avaliação deveria aperfeiçoar o processo. (VASCONCELOS, 1998, p.14)

A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação não forem autoritárias. “A teoria avaliativa já avançou muito, mas o fazer avaliativo no cotidiano da escola ainda traz resquícios de uma avaliação mensuradora e coercitiva”. (PERRENOUDE, p.138, 1999).

Segundo Pedro Demo (2004) é preciso reconhecer que toda avaliação detém procedimento crítico e que este procedimento crítico possui seu valor maior em horizonte desconstruído, ou negativo se assim quiser, tendo em vista, exclusivamente, o compromisso com a reconstrução e não com a anulação do aluno. Assim visto, a avaliação pode ser algo extremamente decisivo, bem como degradante.

Nessa compreensão, percebe-se uma busca incansável por padrões considerados adequados no processo avaliativo, por parte dos educadores. Entretanto é importante está consciente entre si, de que a educação envolve a relação entre os seres humanos e suas particularidades, que lhe são diferentes entre si, não havendo métodos ou processos infalíveis para que possamos dizer que acertamos e atingimos sua plenitude.

1.2 O processo avaliativo através das diversas modalidades e funções da avaliação

Entendemos que a avaliação é um processo contínuo, sistemático e integral, destinado a contestar até que ponto os objetivos foram alcançados. O processo de avaliação objetiva uma tomada de decisões e caráter de acompanhamento numa reflexão contínua de educadores e educandos por meio de feedback constante.

Nesse entendimento, apresentamos o processo avaliativo através das diversas modalidades e funções da avaliação, uma vez que ela proporciona também o apoio a um processo a decorrer, contribuindo para a obtenção de produtos ou resultados de aprendizagem. Dai a importância de elencar as funções da avaliação

como necessidade de compreensão para professores e alunos, no sentido de facilitar o ensino e a aprendizagem.

Por essa razão fazemos alusão a cada uma das funções da avaliação. Uma delas é a diagnóstica utilizada por alguns professores no início de uma unidade de trabalho, ou em qualquer período, e tem como propósito investigar o desempenho do aluno objetivando abrir caminhos para novas aprendizagens, bem como detectar dificuldades específicas, suas causas e consequências.

Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser um instrumento dialético de avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos a serem percorridos e da identificação dos caminhos percorridos (LUCKESI, 2002, p.43,)

Dessa forma, se faz necessário atentar para a avaliação diagnóstica como ponto importante para a realimentação de resultados futuros e não apenas como medidas expressas em números ou letras que apresentem unidade de juízo avaliativo.

A segunda função, a mais importante no processo, é a formativa que objetiva constatar o alcance dos objetivos propostos, bem como serve de instrumento indicador para o aperfeiçoamento durante todo período em que o educando esteja no processo de aprendizagem. Com esse pensamento o educador realiza verificações contínuas com o propósito de também constatar as condições em que o educando esteja no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva a partir do diagnóstico, o professor planeja e insere novas estratégias de ensino, favorecendo aos educandos meios de adquirir uma aprendizagem significativa.

O diagnóstico é inútil se não der lugar a uma ação apropriada. Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada, com o que isso se supõe em termos de meios de ensino, organização dos horários, organização dos grupos de aula, até mesmo de transformações radicais das estruturas escolares. (PERRENOUD, 1999, p.71,)

Completando o discurso sobre as funções da avaliação, destacamos como terceira a somática que se processa ao final do ano letivo ou do período de um semestre, ou ainda de uma unidade de ensino. Esta função tem como propósito classificar os resultados de aprendizagem alcançados pelos alunos, de acordo com os níveis de aproveitamento estabelecidos, além de expressar a situação do professor em um tempo pedagógico determinado.

A avaliação escolar só terá sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para uma melhor aprendizagem. Para isso o professor deve diversificar sua prática inserindo novas concepções que contemplem as diferentes características dos alunos. (LUCKESI, 2001, p. 28.)

Para Perrenoud (1999), a teoria avaliativa já avançou muito, mas o fazer avaliativo no cotidiano da escola ainda traz resquícios de uma avaliação mensuradora e coercitiva. Partindo do pressuposto de que a avaliação, na ótica do exame, atende às exigências de natureza administrativa, serve para reconhecer formalmente a presença ou ausência de determinado conhecimento, mas não dispõe da mesma capacidade para indicar qual é o saber que o sujeito possui ou como está interpretando as mensagens que recebe.

A partir do exame o professor pode avaliar se o aluno foi capaz de responder as suas perguntas. Porém o erro ou acerto de cada uma das questões não indica quais foram os saberes usados para respondê-la, nem os processos de aprendizagem desenvolvidos para adquirir o conhecimento demonstrado e também o raciocínio que conduziu a resposta dada. Para a construção do ensino-aprendizagem, estas são as questões efetivamente significativas, e não o erro ou acerto como ressalta a lógica do exame.

Convém lembrar que o termo avaliar durante certo tempo como sinônimo de medir ou testar. Isso ocorreu em parte devido à predominância de uma abordagem pedagógica que encarava a educação como mera transmissão e acumulação de conhecimentos já prontos. Nesta perspectiva avaliar se confundia com medir, medir o número de informações memorizadas e retidas. "Mudar é preciso, ainda que permanecer seja sempre mais fácil; avaliar plenamente é imprescindível, ainda que medir seja extremamente confortável". (ANTUNES, 2002, p. 84).

Com isso o objetivo do desafio da aprendizagem que se enfrenta, quanto a uma perspectiva mediadora da avaliação, é principalmente, a tomada de consciência coletiva dos educadores sobre sua prática, desvelando-lhe princípios coercitivos e direcionando ação avaliativa para o caminho das relações dinâmicas e dialógicas em educação.

Segundo Hoffman (2002) o sentido original do termo “mediação” é intervenção, intercessão, intermediação. No entanto não se trata de considerar a avaliação como fórmula mágica, ou seja, de se imaginar a possibilidade de uma ação avaliativa mediadora por si só, impulsionadora de saltos mecânicos de um nível de conhecimento a outro.

1.3 O papel do professor como mediador da aprendizagem

As legislações trouxeram mudanças no sistema de avaliação da aprendizagem, sem considerar o entendimento dos professores sobre o seu significado, pois as mudanças que se pretende não são apenas técnicas, mas sim, políticas e ideologias, que se redefinem pelos princípios que lhe são inerentes, impondo o confronto com valores arraigados na cultura escolar.

É necessário compreender que a avaliação terá que ser compartilhada por ser uma tarefa necessária e pertinente no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, no processo de avaliação, a preocupação do professor deve ser de conscientizar o aluno sobre o que ele aprende e da maneira pela qual está aprendendo, para que se auto avalie e se auto regule. E é importante também que cada educador tenha consciência que o seu papel tanto no ensino quanto na avaliação é extremamente mediador, e não transmissor de conhecimentos.

Por outro lado reforça-se o eixo da avaliação centrado nas condições em que é oferecido o ensino, na formação dos professores, de suas condições de trabalho, no currículo, na cultura e organização da escola, bem como na postura dos atores educacionais em seu conjunto, deixando girar exclusivamente em torno do aluno.

Por isso cabe ao professor, por meio de sua intervenção pedagógica, promover a realização de aprendizagens significativas para as crianças, para que

tenha o maior significado possível. A criança sentindo – se segura terá mais liberdade em buscar soluções para o seu processo de aquisição de conhecimentos.

No entanto a avaliação da aprendizagem passa a assumir o caráter transformado e não de mera constatação e classificação; antes de tudo deve estar comprometida com a promoção de todas as crianças. Este é o seu sentido mais radical, é o que justifica sua existência no processo educativo.

Nesse contexto o auxílio do professor deve ser proporcional à necessidades de cada aluno, dedicando mais tempo aqueles que apresentarem maiores dificuldades, estimulando – os a superar o medo da punição, propiciando um espaço para colocar suas dúvidas, seu raciocínio, permitindo a interação entre professor e alunos.

Sendo assim, vale ressaltar que o professor faz parte do processo educativo e tem um papel fundamental para o crescimento da criança, mediando, sugerindo, organizando e motivando a cooperação e autonomia, propondo situações para uma boa qualidade de ensino.

A construção do conhecimento é de natureza única e singular, mas ocorre pela mediação do outro, pela socialização. É o professor que cria em sala de aula um ambiente educativo no que possibilitará condições para o aprendizado. Dessa forma o professor comprometido com a ação pedagógica e com a sua avaliação mediadora prioriza seus objetivos, propostas de atividades com sentidos reais e desafiadores para as crianças, sendo estas atividades, que venham despertar o prazer, o gosto e a criatividade da criança, favorecendo assim o processo de construção do conhecimento do mundo físico e social.

Desenvolver uma nova postura avaliativa reque desconstruir e reconstruir a concepção e a prática da avaliação e romper com a cultura de memorização, classificação, seleção e exclusão tão presente no sistema de ensino (JANSSEM, 2003, p.96)

Para que a avaliação educacional escolar assuma seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, ela terá que se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. Para tanto o educador que estiver afeito a dar

um novo conhecimento para a prática da avaliação escolar, deverá estar preocupado em redefinir ou em definir propriamente os rumos de sua pedagogia, pois que ela não é neutra, como todos nós sabemos.

Nesta perspectiva, o professor terá obrigatoriamente que ser diferente, mas maduro e mais experiente. Contudo, isso não lhe retira a possibilidade de assumir-se como companheiro de jornada no processo e de capacitação do educando. “A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade” (LIBÂNIO, 2001, p. 106).

Convém lembrar que essa mediação deve se dar, especialmente, na avaliação como uma ação sistemática e intuitiva. Ela se constitui no cotidiano da sala de aula, intuitivamente, sem deixar de ser planejada, sistematizada. Nem todas as situações de sala de aula ou tarefas realizadas pelo aluno têm por objetivo a verificação de suas aprendizagens, podendo absorver diferentes dimensões avaliativas. O que define tal dimensão são as intenções do educador ao propor a tarefa, bem como sua forma de proceder frente ao que nela observa. Segundo Hoffman (2004, p. 47) o processo avaliativo:

deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, porque não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estarão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a prosseguir sempre.

Portanto, promover o aluno em termos de aprendizagem e formação moral conduz a reflexões sérias sobre parâmetros de qualidade instituídos por professores e escolas. Somente através da diversidade e amplitude dessa análise é que serão realizadas intervenções pedagógicas voltadas às possibilidades e interesses dos diferentes

Avaliar para promover suscita, portanto, anotações significativas sobre o que se observa do aluno ao longo do processo. Significado este que deve corresponder ao conjunto de suas aprendizagens, suas condutas, de seus relacionamentos. Pode-se, perceber, a partir daí, a incongruência e fragilidade dos registros em graus numéricos ou conceitos classificatórios no processo avaliativo. (HOFFMAN, 2004, p.48-49,)

É importante lembrar que quando se acompanha para ajudar no trajeto, é necessário percorrê-lo junto, sentindo-lhe as dificuldades apoiando, conversando, sugerindo rumos adequados a cada aluno. Assim, o professor também precisará ampliar a natureza dos seus registros avaliativos, como se tirasse muitas fotos de cada aluno, em diferentes momentos, de diferentes experiências educativas, dos passos que deu até certo ponto, dos obstáculos que venceu, das soluções que encontrou para ir adiante.

Na concepção de Hoffman (2004, p.116) “precisamos registrar e organizar dados da nossa memória para compartilhar com os outros as histórias vividas, para que se possa ressignificá-las e recriá-las, atribuindo-lhes novos sentidos”.

Todavia, a avaliação deve estar sempre a serviço do aluno. Isso significa que ela não tem como objetivo determinar notas, mas acompanhar o caminho que o aluno faz, descobrir suas dificuldades, necessidades e alterar os rumos, se preciso. Ela é constante e pode ser feita durante trabalhos em grupo, jogos e atividades lúdicas. Só que o olhar do professor, nesses momentos coletivos, deve ser sempre para cada estudante.

Ao pensar em avaliação, você pode lançar mão de atividades interativas em que exista o diálogo, a troca entre alunos, à participação e a cooperação. Também é importante ter conversas individuais com os alunos, olhar o caderno e as produções, perguntar o que aprenderam e do que gostaram. O questionamento constante dá aos estudantes a oportunidade de aprofundar as suas respostas. Para que tudo isso seja aproveitado, o registro diário é imprescindível.

Ainda é importante avaliar as produções individuais, as manifestações dos alunos sobre assuntos diversos, ou sobre assuntos diversos, ou sobre um mesmo tema, em vários momentos e as atividades menores, individuais e frequentes corrigidas imediatamente. É preciso garantir que o aluno possa expressar seu conhecimento de várias maneiras: em músicas, textos, pinturas, fotos. O processo é semelhante a um percurso e o nosso papel é acompanhar a turma, ajudando-os a ultrapassar os obstáculos do caminho e atingir a aprendizagem significativa.

Para Hoffman (2002) a observação só se torna um instrumento válido quando é registrada. As anotações mostram em que as crianças se desenvolveram e em que elas precisam avançar.

Com base na afirmação de Hoffman é necessário investigarmos vários aspectos e conhecimentos adquiridos, fazendo algumas indagações: Qual a intencionalidade da avaliação? Para quem e o que avaliamos? Como avaliar os saberes construídos e em construção? Dessa forma os aspectos da prática docente precisam ser redimensionados com base na avaliação feita e esses conhecimentos nos permitirão direcionar os estudos e atividades programadas. É essencialmente nesse momento que certamente faremos a identificação das principais dificuldades e daí provocarmos a construção dos seus conhecimentos.

É importante repensar avaliação começando do professor que precisa saber aprender bem para conseguir fazer o aluno aprender bem para conseguir fazer o aluno aprender bem. Se meramente monitorar o repasse e a absorção de conhecimentos copiados, a prova poderia ser vista como adequada. Porém se quisermos averiguar até que ponto os alunos progredem no saber pensar, não basta só repensar a avaliação, mas é fundamental ainda repensar a escola.

Pensando assim a atividade de avaliar pode aparecer em várias circunstâncias, entre elas prevenir, finalidade das mais nobres da avaliação, prevenir obstáculos e impedimentos na construção dos conhecimentos e do aprender. Essa prevenção, na avaliação, implica sempre no cuidado de avaliar precocemente, e nunca quando não podemos mais fazer nada. É de suma importância, na escola, que a avaliação seja realizada como diagnóstico, no início de cada ano letivo, para que sabendo-se da condição de cada aluno, possamos garantir-lhe o direito de aprender.

Seja pontual ou contínua, a avaliação só faz sentido quando leva ao desenvolvimento do educando, afirma Luckesi. Ou seja, só se deve avaliar aquilo que foi ensinado. Não adianta exigir que um grupo não orientado sobre a apresentação de seminários se saia bem nesse modelo. E é inviável exigir que a garotada realize uma pesquisa (na biblioteca ou na internet) se você não mostrar como fazer. Da mesma forma, ao escolher o circo como tema, é preciso encontrar formas eficazes de abordá-lo se não houver trupes na cidade e as crianças nunca tiverem visto um espetáculo circense.

Portanto, a avaliação está relacionada com o poder, na medida em que oferece ao professor a possibilidade de controlar a turma. No modelo tecnicista, que privilegia a atribuição de notas e a classificação dos estudantes, ela é ameaçadora, uma arma. Vira instrumento de poder e dominação, capaz de despertar o medo. O fato é que muitos educadores viveram esse tipo de experiência ao frequentar a escola e, por isso, alguns têm dificuldade para agir de outra forma.

1.4 Estratégias de avaliação

A atividade é caracterizada pelo desafio dos profissionais da educação em estabelecer relações interpessoais com os educandos, de modo que o processo de ensino aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que se propõem.

Por isso é imprescindível entender que as estratégias apresentadas pelos professores não são absolutas ou imutáveis, constituem então instrumentos que podem ser adaptados, modificados ou combinados pelo docente, segundo achar conveniente ou necessário durante o processo ou quando se prevê um momento para avaliar a aprendizagem.

Entendemos que o tema avaliação é extremamente complexo e desafiador seja para implementar estratégias de mudanças para melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos. A avaliação tem um papel importante no sentido de desenvolver análises que possam subsidiar e definir diretrizes visando o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem.

Ao lançar mão da avaliação os profissionais descobrem os pontos fortes e fracos que necessitam ser melhorados e ou eliminados. É também através da avaliação que os educadores conseguem perceber o sucesso ou o insucesso dos alunos e continuamente realizar tarefas que ajudem a prosseguir na formação dos educandos e conseqüentemente na melhoria dos seus propósitos.

No entanto, para que se tenha êxito é necessário que se tenha um instrumento adequado na definição das diretrizes de mudanças ou de melhoria da qualidade da educação. E para isso a avaliação deve ser vista como diagnóstico de

situações que com um trabalho diferenciado e coletivo apontem resultados que podem ser melhorados. E nesse sentido, as estratégias de avaliação são primordiais para que o professor possa caminhar diferentemente no mesmo conteúdo e obter melhores resultados de aprendizagem.

Assim, a avaliação deve ser aplicada levando em consideração vários aspectos: a realidade do aluno, o seu nível de conhecimento e os objetivos que se pretende alcançar ao desenvolvimento das competências e habilidades de cada aluno individualmente. Sendo assim, deve ser planejada, executada e monitorada no sentido de não perder sua razão de ser. Além disso, deve conter informações estratégicas e importantes sobre o objeto de pesquisa para que ela tenha realmente significado, tanto para o aluno quanto para o educador e a escola.

É fantasioso imaginar-se a possibilidade de elaborar uma metodologia de avaliação tão objetiva e perfeita que pudesse, por si mesma, eliminar ambiguidades e contradições inerentes a qualquer empreendimento humano. Assim, entende-se ser possível, a partir das estratégias diferenciadas diminuir essas ambiguidades e contradições pela análise das experiências, identificando os fatores positivos para continuar e negativos para corrigi-los, entendendo que a principal função dos processos avaliativos é trazer a questão da qualidade para o primeiro nível das preocupações de todos os que se interessam e participam deste processo.

A avaliação faz parte de um processo de reflexão do fazer pedagógico, constituindo-se, assim, num instrumento que permite conhecer, aprimorar e orientar as ações do educador e da escola. É uma atividade utilizada tanto para avaliar o que já foi realizado, quanto para avaliar decisões que se deve tomar para refazer ações futuras, seja de mudança ou de novas estratégias na perspectiva da melhoria, de fato, da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Partindo do pressuposto e considerando as metas de aprendizagem como instrumento de gestão curricular ao trabalho dos professores, ao tornar claro os resultados de aprendizagem que os alunos devem demonstrar no final de um percurso, seja ele mensal, bimestral ou anual, é igualmente importante apoiar os professores a traçar esse percurso, a monitorá-lo e a verificar os resultados alcançados, ou seja, a programar estratégias de ensino e de avaliação necessárias para a transformação.

A estratégia enquanto concepção global de uma ação, organizada com vistas à sua eficácia (...) o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de ações para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem. (ROLDÃO, 2009, p. 57)

Pensando assim, os educadores apresentam exemplos estruturados de estratégias de ensino, ou seja, percursos organizados de atividades avaliativas que contribuem adequadamente para a aprendizagem visada numa determinada meta. É importante que os exemplos de estratégias sejam bem coerentes com as sequências de atividades enunciadas, uma vez que as estratégias de avaliação em suas funções formativa e somativa visam, por um lado, apoiar os alunos no processo de aprendizagem e, por outro lado, verificar se os resultados foram alcançados de maneira significativa e com critérios de qualidade.

Na visão dos professores o grande dilema centra-se na avaliação do aproveitamento escolar, uma das mais importantes, pois é através da avaliação da aprendizagem que se corporificam não só a repetência e a evasão escolar como e sobretudo a indiferença os conhecimentos já adquiridos anteriormente pelos alunos. Nesse sentido é importante retomar a discussão no sentido de como proceder no momento de decidir se o aluno passa, ou não, de um ano para o outro.

Portanto, para que isso aconteça é necessário refletir sobre o papel da avaliação e sobre as condições necessárias para que esta se efetue de maneira consequente. Dessa forma, entendemos que a contribuição pessoal dos professores para reduzir o fracasso escolar consiste, certamente, em fazer da avaliação algo mais produtivo.

Na verdade a aprendizagem a que nos propomos, depende, sobretudo de um professor competente que através da teoria de ensino aprendizagem, avalie precisamente o processo de construção do conhecimento, reformulando os processos de ensino de modo a alcançar os objetivos pretendidos, pois crianças que raciocinam com independência são capazes de tomar decisões.

CAPÍTULO II - O SISTEMA DE AVALIAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO - PB

A discussão dos resultados dos instrumentos avaliativos confirma ou corrige ideias evidenciando o que se deve ser mais estudado e a experiência de sofrer constantes avaliações externas leva o educando a fazer uma auto avaliação do seu rendimento escolar. Nessa dinâmica, a avaliação deixa de ser entendida como instrumento de punição, o aluno tem maior clareza sobre sua própria aprendizagem, tem maior autonomia para decidir o que estudar, tem a autoestima aumentada e, após o período escolar, o hábito da auto avaliação lhe possibilitará diagnosticar os próprios erros e corrigi-los, sem depender de uma avaliação externa.

Diante do acima exposto e realizando uma pesquisa de opinião com os professores entendemos a concepção e maneira em que o professor avalia seus alunos, pois percebe-se uma certa preocupação por parte dos educadores em utilizar diversos instrumentos de avaliações para melhor conduzir o processo de ensino. Mesmo assim notamos também ainda uma parte dos professores preocupados com o quantitativo, uma vez que é solicitado nas avaliações externas como: ENEM, ANA etc e ainda em concursos públicos.

A partir de então, apresentaremos a escola objeto da nossa pesquisa, atentando para a infraestrutura, a parte administrativa pedagógica, bem como o desenvolvimento da pedagogia de projetos, aplicada pela escola, o que contribuí de certa forma, para também colocá-la no Prêmio “Escola de Valor” e alguns de seus professores, “Mestres em Educação”, tudo isso respaldado no trabalho responsável e comprometido dos seus integrantes.

A escola está localizada à Rua Solon de Lucena nº 50, no centro de Princesa Isabel – PB. A escola tem esse nome em homenagem a nossa padroeira. Foi criada através do decreto nº 19.917 de 01/09/1998 e reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação através do ato 340/2001. Tem CNPJ de número 01.308.938/0001-36 e seu código no INEP é 250.363-35, e dessa forma integra a 11ª Gerência Regional de Educação – GRE.

É uma instituição pública, mantida pelo governo do estado, onde funciona nos três turnos: manhã com os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, no

turno tarde funciona do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e no turno noturno Ensino Médio regular e na modalidade EJA. O ingresso dos alunos dar-se mediante a disponibilidade de vagas e horários para os alunos, além de atender aos requisitos exigidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Projeto Político Pedagógico e a Proposta Pedagógica, ambos atualizados anualmente.

Toda legalidade para funcionamento da escola além dos já citados, está fundamentada também em seus documentos específicos. A avaliação da aprendizagem é realizada através de provas escritas, principalmente, trabalhos individuais e em grupo, seminários, participação em projetos pedagógicos e outros definidos pelos professores em seu planejamento. A aprovação ou reprovação se dá através da nota que varia de 0 a 10, sendo a nota 50 o mínimo para a aprovação. Percebe-se que a escola ainda valoriza muito a avaliação periódica, no entanto buscam caminhos para a superação dos desvios dos seus educandos.

A estrutura física da escola é considerada satisfatória, contando com 10 salas de aula, 01 laboratório de informática, 01 sala de professores, 01 sala de vídeo, 01 biblioteca, 01 diretoria, 01 cantina, 01 almoxarifado, 13 banheiros para aluno e professores, 01 área coberta para recreação e 01 quadra poliesportiva. Todas as dependências equipadas e funcionando normalmente. Dispõe de recursos vindos dos programas federais e estaduais para merenda escolar e que atende aos alunos normalmente.

Na parte pedagógica conta com o apoio de uma coordenação pedagógica aliada a uma equipe de professores que, anualmente, reconstrói o Projeto Político Pedagógico (PPP) o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE Interativo) cujas metas e ações são traçadas na tentativa de melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Conta com um corpo administrativo formado por 01 diretor, 02 diretores adjuntos e 01 secretário escolar, nomeados por ato do governo do estado. Dispõe também de 28 professores efetivos e 04 contratados, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio regular e na EJA. Todos possuem nível superior completo habilitados e atuando na área de sua competência, onde 70% deles possuem um curso de pós-graduação.

A seguir faremos uma demonstração do movimento escolar de 2013 através

do quadro demonstrativo de aproveitamento, especialmente no primeiro ano do Ensino Médio, incluindo também a matrícula inicial do ano supracitado.

QUADRO I - DEMONSTRATIVO DE APROVEITAMENTO – 2013

FONTE: Autoria própria

SÉRIE/ANO	MAT	APR	%	REP	%	DES	%	TRA	%
1º A	32	29	91 %	01	3%	-	-	02	6%
1º B	34	28	82, 4%	03	8,8 %	01	2,9 %	02	5,9%
1º C	28	17	61 %	03	10, 6%	04	14, 2%	04	14,2%
1º D	40	18	45 %	15	37, 5%	04	10 %	03	7,5%
1º E	43	30	69, 9%	03	6,9 %	05	11, 6%	05	11,6%
1º F	39	18	46, 1%	12	31, 0%	07	17, 9%	02	5%
1º G	40	22	55 %	07	17, 5%	05	12, 5%	06	15%
1º H	43	15	34, 8%	01	2,3 %	26	60, 5%	01	2,4%
1º I	45	27	60 %	03	6,7 %	12	26, 6%	03	6,7%
Total	344	204	59, 3%	48	13, 9%	64	18, 7%	28	8,1%

MAT - MATRÍCULA

APR - APROVADO

REP - REPROVADO

DES - DESISTENTE

TRA - TRANSFERIDO

% - PERCENTUAL

Analisando o quadro demonstrativo percebemos que o insucesso da escola, em 2013, representou mais de 50%%, ou seja, a reprovação e a desistência somaram juntas 32,6%, enquanto a aprovação e atingiu um percentual de 59,3% nos

primeiros anos do Ensino Médio. Realmente uma preocupação para a escola, onde os professores necessitam rever a sua prática avaliativa para obter resultados mais significativos.

Para efetivação deste trabalho e na tentativa de melhorar o problema em questão foram selecionados, entre os envolvidos desse universo, 10 professores correspondente a 100% dos docentes do primeiro ano do Ensino Médio. Além dos professores participaram da pesquisa uma representação dos alunos do 1º ano do Ensino Médio, considerados como parte fundamental na efetivação da pesquisa.

De acordo com os resultados obtidos na pesquisa voltada para a investigação sobre avaliação, foi possível perceber, o consenso e as divergências existentes nas respostas, haja visto que cada categoria envolvida recebeu perguntas num mesmo estilo de questionário.

Os referidos questionários contêm em sua maioria, questões abertas o que num aspecto geral, foi possível estabelecer relação ou não entre as respostas citadas, tanto dos professores quanto dos alunos, onde a partir das análises de cada resposta, foi possível entender claramente as divergências existentes entre as respostas dos professores e alunos. Partindo dessa premissa é bastante oportuno uma posterior orientação e ajuda à escola e professores para uma melhoria no desempenho dos alunos nos próximos anos.

A escola objeto da pesquisa possui o Conselho Escolar que funciona, principalmente, no apoio ao financeiro da escola e tem como presidente um professor. Possui também o Regimento Interno construída com base nas orientações emanadas da Secretaria Estadual de Educação, com as adequações necessárias ao funcionamento da escola, tudo isso estudado, discutido com todo corpo técnico administrativo pedagógico da escola.

Percebe-se que esta escola ainda valoriza a avaliação periódica, mas também busca caminhos para a superação dos desvios dos seus educandos. Para Lukesi (2000 p 45) “A avaliação autêntica pretende dar à avaliação o seu genuíno sentido formativo para as pessoas envolvidas na ação educativa”.

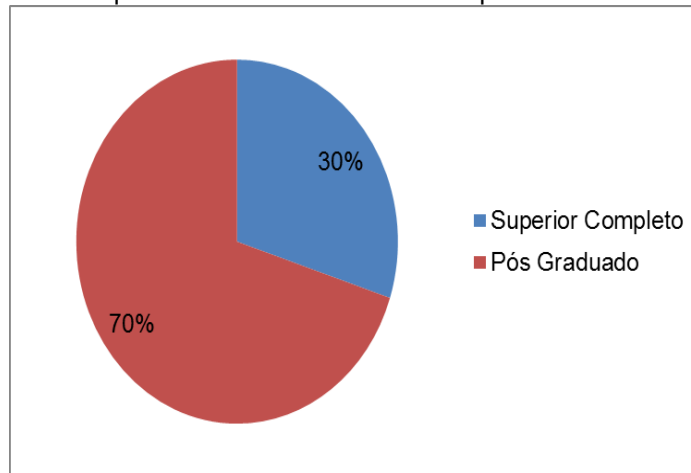
Nesse contexto, não só os professores, mas a escola de forma geral deve entender a avaliação enquanto trabalho contínuo, sistematizado, organizado e, sendo assim envolver os alunos em um processo formativo, no qual o que é mais

importante de fato é a construção do conhecimento, o faz e refaz da aprendizagem significativa que contribua de forma eficaz no seu cotidiano, tornando-se assim essa mesma avaliação um diagnóstico, uma investigação para melhorar tanto o processo de ensino, quanto o de aprendizagem.

2.1 Análise do questionário aplicado com professor

Após o exposto acima, analisamos os dados da nossa pesquisa realizada com vistas a uma discussão pertinente a cada uma das respostas oferecidas pelos professores e alunos e daí respeitando as diferentes opiniões coletadas, os dados foram sistematizados e agrupados em gráficos e tabelas que serão discutidos, analisados e comentados individualmente.

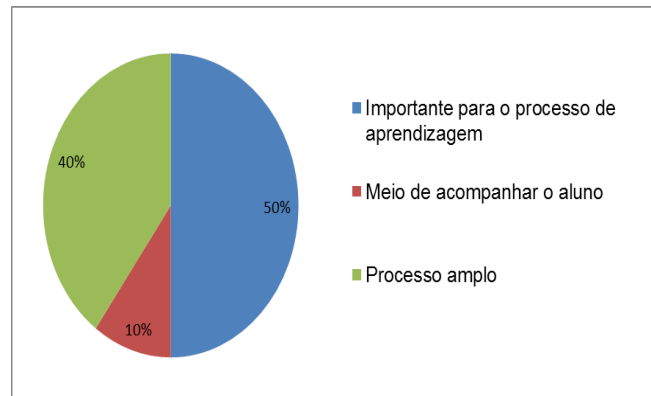
Gráfico I – Distribuição da frequência da amostra do estudo quanto à escolaridade dos professores.



Fonte: Autoria própria

O gráfico 1 nos mostra o nível de escolaridade dos professores do 1º ano do Ensino Médio da EEEB Nossa Senhora do Bom Conselho, fonte de pesquisa que vai desde o nível superior até a pós graduação. Dos dez professores pesquisados percebemos um nível de escolaridade bastante avançado, pois todos possuem nível superior completo com habilitação na sua área de atuação, sendo 30% possuidor de licenciatura e 70% com pós graduação.

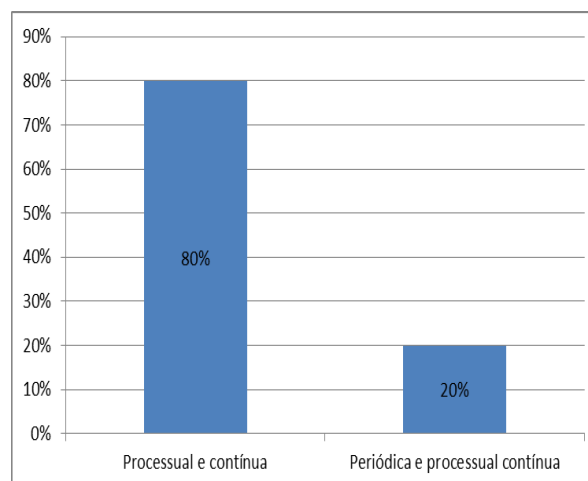
Gráfico 2 – Distribuição da amostra do estudo com relação à concepção de avaliação de cada professor



Fonte: Autoria própria

Através das opiniões acima o gráfico 2 nos mostra que a maioria dos professores do 1º ano do Ensino Médio, ou seja 50%, entendem a avaliação como meio importante para o processo de aprendizagem, enquanto 40% entende que a avaliação é um processo amplo no qual procuram inserir os alunos em constante exercício de reflexão sobre suas aprendizagens e os 10% restante entendem a avaliação como um meio de acompanhar o aluno no desenvolvimento do processo tanto de ensino quanto de aprendizagem.

Gráfico 3 – Distribuição da amostra do estudo com ênfase na realização da avaliação em sala de aula.



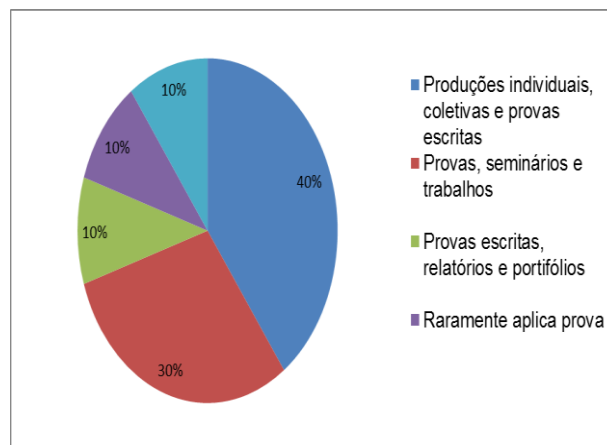
Fonte: Autoria própria

Percebe-se na distribuição dos dados do gráfico 03 que os professores, na sua grande maioria, justificam a avaliação como processual, contínua considerando a sua contribuição para a aprendizagem, uma vez que ela acontece de forma

sistemática.

Segundo seus próprios depoimentos constatamos que 80% deles aplicam a avaliação processual ou contínua, onde os resultados qualitativos prevalecem sobre os quantitativos, conforme enuncia no seu artigo 24, inciso V, alínea a, a LDB. Os outros 20% utilizam tanto a periódica quanto a contínua, mostrando a importância de cada uma, tendo em vista que ambas representam um contexto de análise de resultados que leva a reflexão sobre a aprendizagem.

Gráfico 4 – Distribuição da frequência da amostra de estudo em relação aos instrumentos de avaliação utilizados



Fonte: Autoria própria

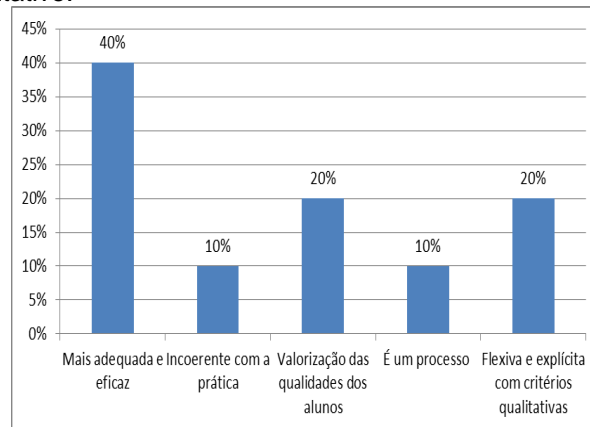
Ao analisar o gráfico 04 é notório a diversidade na aplicação de instrumentos de avaliação. No entanto a prova escrita está sempre aparecendo como avaliação predominante na escola e os outros instrumentos são utilizados não sistematicamente.

Para 40% dos professores aplicam instrumentos que retratam produções individuais e coletivas e provas escritas. 30% dos pesquisados aplicam provas, seminários e trabalhos com os alunos. 10% utilizam provas escritas, relatórios e portfólios, 10% dos professores além das provas avaliam comportamento, participação e os 10% restante dos professores pesquisados raramente utilizam a prova como instrumento de avaliação.

Porém observando todos os relatos percebe-se que a prova escrita ainda é a maneira mais utilizada de medir os conhecimentos, porque não existe após esta, uma recuperação de conteúdos para verificar o domínio ou não dos conteúdos, por

parte dos alunos. O que existe é apenas a recuperação de notas.

Gráfico 5 – Distribuição da frequência da amostra do estudo em relação ao processo qualitativo prevalecer sobre o quantitativo.



Fonte: Autoria própria

O gráfico 05 evidencia várias respostas para um mesmo questionamento. Ao serem investigados 40% dos professores entendem os aspectos qualitativos mais importantes, adequado e eficaz quando se desenvolve uma avaliação da aprendizagem, 10% entendem a avaliação um processo incoerente com a prática, pois na prática raramente se vê o qualitativo, uma vez que o sistema ainda persiste em utilizar severamente notas e quantidades, 20% acredita que a partir desse aspecto consegue-se valorizar mais as qualidades dos alunos, 10% entende o aspecto qualitativo como um processo contínuo de avaliação e finalmente os 10% restante dos pesquisados acredita que sob a ótica qualitativa a avaliação torna-se mais flexível, explícita e com critérios qualitativos bem definidos e trabalhados.

Apesar das múltiplas respostas dadas pelos professores conseguimos perceber que o aspecto qualitativo é bem menos trabalhado e aplicado em relação ao quantitativo, tendo em vista que nas suas afirmações os professores sempre lembram que a nota prevalece no final do período letivo. Isso contradiz o que afirma a LDB com relação à avaliação contínua determinando que o qualitativo deve prevalecer sobre o quantitativo, o que significa dizer que o professor em sua avaliação não deve desconhecer o percurso do aluno durante todo ano letivo, em detrimento apenas de uma nota final para aprová-lo ou reprová-lo em determinado série/ano.

Para finalizar o questionamento dos professores indagamos sobre sua prática

avaliativa com relação a deixar os alunos satisfeitos com a sua metodologia de aplicação, então percebemos que a grande maioria dos professores, 80% acham que atendem aos desejos dos alunos e os satisfazem, enquanto 20% tem certeza da não satisfação por parte dos alunos, uma vez que a avaliação é ampla, complexa e também se caracteriza como mensuração. Para Perrenoud (2000 p.16) “É mais fácil avaliar conhecimentos de um aluno do que suas competências porque, para aprendê-las, deve-se observá-lo lidando com tarefas complexas, o que exige tempo e abre caminhos à contestação”.

Nesse sentido, avaliar competências significa observar o aluno em todos os seus aspectos, especialmente na sua capacidade de pensar e agir de maneira eficaz frente a uma situação, onde ele necessita buscar soluções para as suas dificuldades de aprendizagem, que sem dúvida, em muitos casos, são de grande dimensão. E para isso o aprender envolve situações de interação, engajamento pessoal e a busca de conhecimentos em momentos sucessivos e complexos.

2.2 Análise do questionário aplicado com alunos

A tabela 01, abaixo nos apresenta a faixa etária dos alunos constantes da amostra de estudo. Percebe-se que os alunos têm uma faixa etária bastante variada, onde a quantidade maior concentra-se nos 16 anos num percentual de 70% nos primeiros anos do Ensino Médio, onde 9 alunos estão com idade/série distorcida.

Tabela 01 – Distribuição da amostra quanto à faixa etária dos alunos

15 ANOS	1 ALUNO	10%
16 ANOS	7 ALUNOS	70%
17 ANOS	1 ALUNO	10%
18 ANOS	1 ALUNO	10%

Fonte: Autoria própria

Observando a variedade da faixa etária apresentada e pela transição de modalidade de ensino, do fundamental para o médio é imprescindível que seja utilizado pelo professor uma metodologia de ensino diversificada e inovadora e a prática avaliativa, através dos seus instrumentos, atendam de maneira satisfatória e

coerente os interesses individuais e coletivos dos alunos no seu processo de aprendizagem e conseqüentemente desenvolver, de forma eficiente, competências e habilidades inerentes a sua faixa etária e conhecimentos no seu nível de ensino.

Para Hoffman (2004, p. 38) "[...] não somos nós que estabelecemos o tempo de fazer o caminho, mas é o caminho que define o tempo que levamos para percorrê-lo".

Tabela 02 – Distribuição da amostra quanto à disciplina em que ele tem maior dificuldade com relação ao tipo de avaliação do professor

Inglês	50%
Física	30%
Física, Química e Matemática	10%
Nenhuma disciplina	10%

Fonte: Autoria própria

Reconhecer a dificuldade de identificação das competências avaliadas poderia confortar a divisão disciplinar. Certas competências a serem construídas são claramente disciplinares, enquanto outras se situam no cruzamento de pelo menos duas ou mais disciplinas. Nesta perspectiva, percebemos claramente, nessa tabela, que a maior dificuldade dos alunos (50%) está concentrada na disciplina de Inglês, cuja explicação deles não conseguem entender o idioma e as palavras, e também pela falta de compreensão e explicação clara do professor.

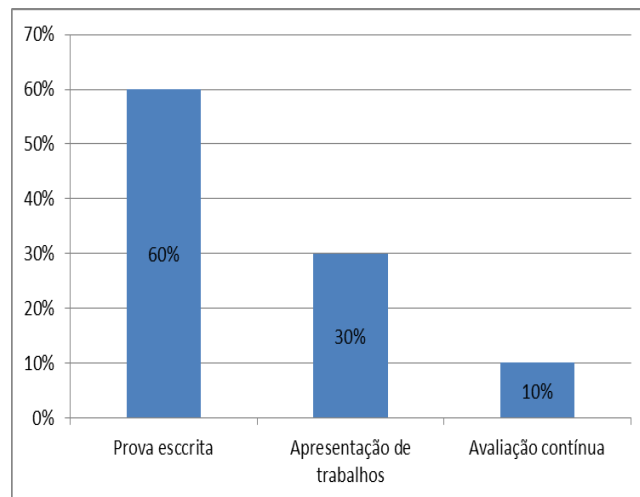
Outra disciplina que apresenta grande dificuldade por parte dos alunos é a de Física (30%), onde eles afirmam na pesquisa que além de muitas fórmulas e cálculos, as explicações do professor deixa a desejar ou se tornam mais complicadas, 10% dos alunos apontam o conjunto das exatas Física, Química e Matemática como disciplinas de grandes dificuldades por envolver muito cálculo e finalmente 10% considera as avaliações normais, tendo em vista que esses alunos

não apresentam nenhuma dificuldade ao serem avaliados.

Notamos um percentual bem pequeno de alunos que transitam sem dificuldades no 1º ano do Ensino Médio. Dos percentuais apresentados fica evidente que a maior dificuldade está na disciplina de Inglês, daí porque justifica-se a reprovação naquelas séries.

O professor precisa ter mais tempo para observar o aluno em ação, para registrar, refletir, decidir-se por estratégias didáticas coerentes, planejar novas e diferentes atividades articuladas as anteriores que contemplem estudos e atividades complementares que venham a contribuir para o avanço de diferentes alunos em diferentes direções. (HOFFMAN, 2004 p. 103)

Gráfico 06 – Distribuição da amostra com relação ao tipo de avaliação mais utilizada pelos professores em sala de aula na visão dos alunos.



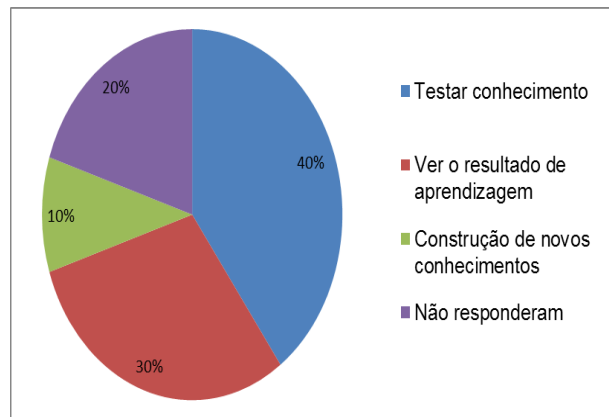
Fonte: Autoria própria

Enquanto na avaliação classificatória as perguntas ocupam o lugar de verificar, comprovar o alcance de um objetivo ao final de um estudo, de um determinado tempo, o professor ensina e depois pergunta. Na visão mediadora, elas assumem o caráter permanente de mobilização onde professores e alunos questionam-se, constroem conceitos, resolvem problemas.

Na análise das respostas dos alunos, neste gráfico, fica evidente que a avaliação mais utilizada pelos professores é a quantitativa, pois 60% dos investigados, nas suas respostas, afirmam ser a prova de bimestre o que mais os docentes utilizam para avaliar os alunos.

Além disso, percebe-se claramente incoerência das respostas entre alunos e professores com relação à prática avaliativa em sala de aula, uma vez que 80% dos professores em seus questionamentos afirmam utilizar a avaliação processual contínua. Talvez por conta dessa incoerência de informações é que seja de fato a prática de exames o que mais aconteça na sala de aula. Detectamos que é nítido o caráter somativo da avaliação, onde o mais importante não é o que o aluno conseguiu aprender, mas a nota que ele tirou para passar ou não de ano.

Gráfico 07- Distribuição da amostra com relação ao significado do ato de avaliar na perspectiva do aluno.

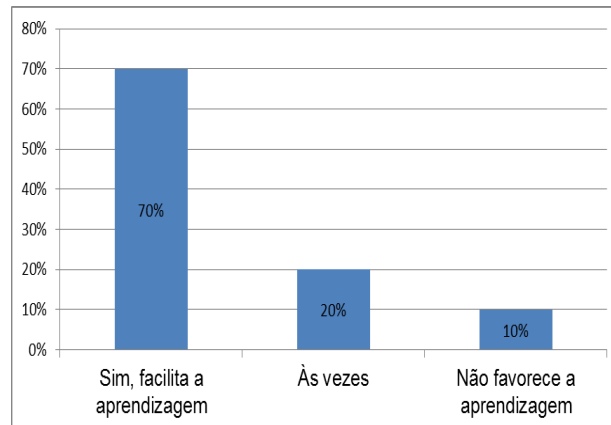


Fonte: Autoria própria

Ao analisar as amostras deste gráfico ficou evidente que para o aluno o termo avaliação ainda é tradicionalmente entendido como exame, pois a maioria dos alunos (40%) marcaram testar conhecimentos como a forma mais viável para a avaliação. Fazendo o contraponto as respostas dos professores, percebemos que não ficou claro para os alunos o que significa avaliação processual tão defendida pela maioria dos professores do 1º ano do Ensino Médio.

Nesta perspectiva necessário se faz realizar junto aos professores um estudo sobre a avaliação enquanto processo, subsidiando com estratégias significativas de avaliação processual.

Gráfico 08 – Distribuição da amostra de estudo com relação ao favorecimento da avaliação para a aprendizagem do aluno.



Fonte: Autoria própria

Uma tarefa avaliativa bem elaborada favorece a expressão própria de ideias e diferentes estratégias de solução dos alunos, possibilita aos professores investigar as hipóteses construídas por eles até aquele momento. É enfim, uma tarefa que suscita respostas diferentes de alunos diferentes a uma mesma pergunta. E aí percebe-se claramente que para 70% dos alunos, a avaliação aplicada favorece e facilita a aprendizagem.

Já 20% dos alunos não demonstram muita segurança com relação a finalidade de aprendizagem, uma vez que para esses alunos as questões apresentadas nas avaliações não são bem claras, necessitando de uma maior explicação pelos professores, o que muitas vezes não é feito, 10% dos alunos investigados são contundentes em afirmar que em nada a avaliação favorece a aprendizagem, tendo em vista que, para eles, a avaliação apenas constata a aprendizagem e não lhes dar oportunidade de ressignificar esta aprendizagem, uma vez que ela é em sua grande maioria periódica e não processual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo avaliativo, assim entendido, orienta-se pelas múltiplas dimensões de aprendizagem envolvidas em cada experiência educativa. É preciso analisar a cada etapa do processo individual questões relativas às áreas do conhecimento, o aprofundamento nas abordagens dos conteúdos, a aprendizagem no sentido teórico – prático, o envolvimento do aluno na tarefa de aprender, as relações estabelecidas com o grupo.

Nesta perspectiva, percebemos que há uma busca incessante por parte dos professores e da escola, ofertar alternativas para o êxito da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, acreditando nas construções coletivas do conhecimento, onde a variável importante para esse feito é a mudança de concepção de avaliação que leve a uma transformação da prática pedagógica.

Identificamos que a escola não é feita apenas por alunos, mas é para eles que devem estar voltado todas as expectativas de aprendizagem, pois é indispensável a reciprocidade entre aluno e professor na construção do conhecimento, na diversidade de oportunidades de pensar, na reformulação de hipóteses, comprometendo-se com seus avanços e dificuldades, pois, assim, se o aluno obteve sucesso ou fracasso na escola, ele não esteve sozinho nesse processo de aprendizagem, porque o professor é conhecedor que conhecimentos prontos é adquirido através dos livros, o que se pretende de fato é mediar a aprendizagem desse conhecimento para que ele possa aplicá-lo no seu cotidiano fora da sala de aula, ou seja na sua vivência pessoal.

Então, compreendemos que o aluno é o personagem de maior importância no contexto escolar, sem esquecer, no entanto que nesse mesmo contexto, há outros elementos a serem considerados para que os alunos possam ter seus direitos respeitados na busca de uma educação que forme para a cidadania e para o mundo do trabalho.

É importante ressaltar que ao nos reportarmos as etapas desse trabalho, percebemos o fio condutor e a sua coerência no sentido de validarmos todas as etapas como necessárias para o enfrentamento e realização da pesquisa. Desde o diagnóstico, e durante a elaboração deste, várias leituras e discussões realizadas

nos ajudaram a identificar de forma mais clara os objetivos que pretendíamos alcançar.

Percebemos que as concepções de avaliação da prática pedagógica podem determinar o nível de qualidade do ensino, pois o conhecimento é algo que construímos coletivamente, unindo antigos e novos saberes e a partir daí realizarmos uma intervenção que dê ao aluno a condição firme e essencial para a conquista de sua autonomia. Para tanto, o educador, além de possuir uma boa formação, busque novas leituras e conhecimentos sobre a temática avaliação, incorporando a sua prática novas formas de avaliar, engajando-se na luta por melhores condições na oferta do ensino, resultando numa melhor qualidade no processo de desenvolvimento da aprendizagem para ambos: alunos e professores. Diante disso, concluímos que a avaliação da aprendizagem nas instituições escolares, em sua grande maioria, é uma prática tradicional, centrada nas provas de bimestre e finais, na recuperação de notas com hora e data marcada.

No entanto se faz necessário um trabalho efetivo em avaliação, com os professores, no sentido de orientá-los para que tenham os educadores e a escola, um maior compromisso em compreender a avaliação como subsídio para a intervenção pedagógica que favoreça a qualidade do conhecimento construído pelos alunos, pois a escola deve mudar e transformar-se em um espaço de qualidade voltado para todos os seus envolvidos, deixando de penalizar apenas os alunos pelo fracasso indesejado e buscando uma melhoria na qualidade do desempenho pessoal tanto do educando como do educador.

Com esse estudo acerca da avaliação e suas estratégias, traz uma contribuição significativa no momento em que identificamos os problemas e traçamos alguns caminhos possíveis para que a reprovação e evasão da escola em estudo seja minimizada nos anos futuros, já que erradicada é muito difícil, porque para que isso aconteça necessário se faz uma mudança de postura de todos que fazem a escola, bem como uma renovação na concepção do que é avaliar.

É preciso também que o Projeto Político Pedagógico, a Proposta Pedagógica e os demais documentos legais que norteiam o ensino e aprendizagem contemplem a avaliação como um meio e não um fim para a conquista de uma educação de qualidade que tanto buscamos.

REFERENCIAS

ANTUNES, Celso. **Avaliação da Aprendizagem:** da Aprendizagem Escolar. 6ª edição. São Paulo, Editora Vozes, 1999.

CALDEIRA, Ana Cristina Muscas. **Avaliação da Aprendizagem em Meios Digitais:** novos contextos. Disponível em <http://www.abed.org.br>. Acesso em 15/05/2014

DEMO, Pedro. **Ser Professor é cuidar que o aluno aprenda.** 2ª edição. Porto Alegre, Editora Mediação, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação, Mito ou desafio:** uma perspectiva construtivista. 31ª edição. Porto Alegre. Editora Mediação. 2002

_____. **Avaliar para promover:** As setas do Caminho. 6ª edição. Porto Alegre. Editora Mediação. 2004

JANSSEM, Felipe da Silva. **Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas em diferentes Áreas do Currículo.** Porto Alegre. Editora Mediação. 2003

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola:** Teoria e Prática. 5ª edição. Goiânia. Editora Alternativa, 2004

_____. **Didática, Coleção Magistério 2º Grau:** Série Formação do Professor. 20ª reimpressão. São Paulo. Editora Cortez, 2001

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** 12ª edição. São Paulo. , 2002

_____. **O que é mesmo o ato de avaliar?** Revista Pátio, Ano 3, nº 12, fevereiro/abril. 2000. Editora Artmed. Porto Alegre

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da Excelência á Regulação das Aprendizagens:** Entre Duas Lógicas, Porto Alegre. Editora Artmed, 1999

_____. **Construir as Competências desde a Escola.** Porto Alegre. Artes Médicas Sul. 2000

ROLDÃO, M.C. **Estratégias de Ensino:** o saber e o agir do professor. Vila Nova Gaia. Fundação Manoel Leão. 2009

SOUSA, Sandra Maria Zákia Lian. **Avaliação da Aprendizagem:** Teoria, Legislação e Prática no Cotidiano das Escolas de 1º Grau. Disponível em <http://www.Crmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em 15/04/2008

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem:** práticas de Mudanças. São Paulo. Editora Libertad. Centro de formação e assessoria Pedagógica. 1998

_____ **Superação da Lógica Classificatória e Excludente da Avaliação:** do proibir reprovar ao é preciso garantir a aprendizagem. 4ª edição. Editora Libertad. São Paulo. 1998

APÊNDICE

A - QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DO PROFESSOR

NOME: _____
ESCOLARIDADE: _____
DISCIPLINA QUE LECIONA: _____
SÉRIES QUE LECIONA: _____
DATA: _____

1º Qual a sua concepção de avaliação?

2º Como você realiza a avaliação em sala de aula?
() periódica () processual ou contínua

Justifique sua resposta

3º Quais instrumentos avaliativos são utilizados por você em sala de aula? E por quê?

4º Segundo a LDB o processo qualitativo deve prevalecer sobre o quantitativo. Na avaliação o que isso significa para você? Por quê?

5º A sua prática avaliativa satisfaz os desejos da sua turma? De que forma?

Autorizo a publicação no caráter de pesquisa científica (monografia), das informações concedidas nesse questionário.

Assinatura

B- QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DO ALUNO

NOME: _____
ANO QUE ESTUDA: _____
ANO LETIVO: _____
DATA: _____

1º Qual a disciplina que você tem mais dificuldade com relação ao tipo de avaliação do professor? Por quê?

2º Como você se sente ao ser avaliado?

() à vontade () intimidado
Por quê?

3º Que tipo de avaliação é mais usado pelos seus professores?

4º Qual tipo de avaliação que você prefere?

() prova/escrita () prova/oral () apresentação de trabalhos

() avaliação contínua (participação das aulas, atividades pra casa, apresentação de trabalhos e etc.)

Justifique sua resposta.

5º No seu entender o que significa avaliar?

6º A avaliação a qual você é submetido favorece a sua aprendizagem? De que forma?

Autorizo a publicação no caráter de pesquisa científica (monografia), das informações concedidas nesse questionário.

Assinatura